

VOLTA

(ou escreve)

Leilac Leamas

© 2025 OCTÁVIO VIANA | SILENT PEN ®
VOLTA
(ou escreve)

Publicado nos EUA e UE
Primeira impressão 2025 (1.^a Edição)
Referência Interna SP2025.05 | 23.04.2025 | 17:35
silentpenltd@gmail.com

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a permissão prévia por escrito do editor, exceto no caso de breves citações incorporadas em análises críticas e alguns outros usos não comerciais permitidos pela lei.



*A quem ainda é tolo
para escrever cartas de amor.*

*Este livro é para ti,
que ainda acreditas que uma carta pode mudar
o rumo das coisas.*

*Para ti, que arriscas a vergonha do papel nu só
para dizer “volta”, mesmo quando sabes que não
vem resposta.*

*Para ti, que és suficientemente ingénuo para es-
crever
com o coração e suficientemente corajoso para
assinar com o nome verdadeiro, ou com um nome
que só ela saberá decifrar.*

*Este livro é para os tolos —
os últimos românticos —
que ainda escrevem cartas de amor.*

E por isso, são os únicos lúcidos.

Prólogo

Impõe-se, antes de mais, uma amputação simbólica: isto não é um livro de amor.
Nem de cartas.

Nem sequer de redenção.

Isto é uma hemorragia contida em papel e, por isso, talvez te sangre devagar, como uma navalha esquecida no bolso interior de um casaco. A que se volta quando já se perdeu o combate.

Disseram-me, mais do que uma vez, que escrever cartas de amor é sinal de fraqueza.

Eu discordo.

Fraqueza é fingir que não se sente.

Fraqueza é decorar discursos sobre desapego enquanto se sonha com um toque que já não existe.

Fraqueza é ter palavras e não as usar.

Amar é outra coisa, é uma espécie de violência permitida, um vício de que não se pode reabilitar.

Não sei se alguma vez amei. Claro que sim, que estupidez. Claro que amei, senão não escrevia este livro.

LEILAC LEAMAS

Na verdade, não sei sequer se o que senti era amor, ou se era só uma carência bem vestida, com sapatos italianos e promessas irônicas que a vida me fazia.

Sei apenas que escrevi.

E isso bastou.

Escrever foi sempre o meu modo de me fingir vivo. E se há cartas neste livro, é porque houve silêncios demasiado densos para suportar.

As cartas são mais reais do que os corpos.

Não envelhecem.

Não mudam de perfume.

Não mentem no pós. Sim, no pós sexo.

Dizem apenas o que se tinha de dizer quando já era tarde.

Como um epitáfio que se quer amoroso, mas sai vingativo.

Amo mal.

Escrevo bem. Acho que sim, que escrevo bem, mas há quem discorde e eu não discordo de quem discorda de mim.

E talvez tenha sido assim, sempre o meu castigo.

Há um intervalo entre aquilo que se sente e aquilo que se consegue dizer. Nesse intervalo, vive este livro.

Talvez por isso pareça eu incoerente, ou até patético, ou demasiado nu.

Mas se há aqui algo ridículo, é do tipo nobre. É o ridículo de quem não tem vergonha de ter amado e falhado.